N.º 64 (2.º) — (186) — 4.º ANNO Terça-feira, 30 de Janeiro de 1912 Preço 20 Rs.

Semanario de caricaturas a côres, critico e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal **O ZÉ**

DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

COMPOSTO, IMPRESSO E GRAVADO
nas **OFFICINAS DO ZÉ**

Successor do jornal O XUÃO Redacção e administração, R. do Poço dos Negros, 81, 1.º

OS DOIS GALLOS

Um d'elles, o mais novo, mas gallo já sem-crista, esguicha veneno; o outro é já velhote, mas ainda seringa menos mal...

O ZÈ

E' amanhã 31, que se realisa definitivamente a inauguração das novas installações d'este jornal na Rua do Poço dos Negros, 81, 1.º. Estão concluidas as obras e os trabalhos de installação electrica na redacção, administração, officinas typographicas e zincographicas. O numero d'hoje é já composto e impresso na nova séde, sendo o typo completamente novo, da Fundição Typographica Portugueza e a impressão é feita em duas machinas italianas **Optima** *da* **Sociedad Augusta, Torino,** *movidas a electricidade, sendo o motor da casa A. E. G.*

Toda a installação electrica foi feita pelo sr. José Pinto Ferreira.

*E' tambem na Rua do Poço dos Negros, 81, que se installarão as redacções d'***O Zésinho** *e d'***O Revoltado** *que devem começar-se a publicar ámanhã e depois.*

A festa da inauguração será modesta, mas disporá do enthusiasmo sufficiente para de entre todas as saudações, sobresahir um viva ao grande povo portuguez que carinhosamente nos tem dispensado o melhor dos acolhimentos.

Quanto á norma que este jornal seguirá futuramente, será a mesma que até hoje tem presidido ao nosso trabalho: **será um jornal do povo, visto ser o povo quem o fez!**

Viva o povo portuguez!

Vivóóóó!!!

Fitas corridas

Ora ahi estão as linguas a badalar continuamente por uma coisa, que afinal não vale um vintem!

Tudo berra, tudo grita, todos gesticulam, parece que desaba o zimborio ou que se acaba o mundo... e que diabo julgam vocês de toda esta bravata?

Pensaes que é a bancarrota iminente? Julgaes por acaso, que é algum cataclysmo cosmico, algum diluvio universal, alguma invasão de tigres, onças, elephantes, jacarés, Josés Barbosas e Innocencios Camachos?

Julgaes talvez que a terra vae tremer, que o sol vae jogar a bisca, que a lua vae vender tremoços ou que as estrellas vão transformar-se em pulgas? Julgaes, cidadãos?

Pois não é isso! E' um rato a sahir d'uma montanha!

Toda esta gritaria, estes pinotes e estas dentadas de que fallamos são devidas ao facto do sr. Bernardino Machado ter casado religiosamente uma sua filha!

Cebolorio!

Que os homens eram massadores, já nós sabiamos mas que possuiam a bella prenda de dar muito á lingua desconheciamos, salvo raras excepções...

Pois o que tem aquillo de extraordinario, linguareiros de má morte?

Porventura a filha do sr. Bernardino não cumpriu mais o bello *di o* marido os preceitos legaes, registando o casamento nos assentos administrativos? Fizeram isso, não fizeram?

Logo, depois de effectuada esta formalidade, podiam muito bem casar-se da maneira que melhor entendessem: catholicamente, á judia, á franceza, mais acima, mais abaixo, etc. etc.

Não é verdade?

Então para que se desengonçam as cartilagens jornalisticas, gritando, pulando, assoberbadas com o medonho escandalo?

Parece-nos que o sr. Antonio José d'Almeida tambem casou catholicamente lá para Fanhões de Cima ou Alguidares de Baixo e ninguem o importunou com charivari.

O que esses doutrinarios propagandistas deviam ter feito, ao mesmo tempo que expandiam do alto das tribunas dos comicios os magnificos effeitos de rhectorica *livre-pensadeira* que o povo tão cegamente soube agasalhar, era o que muito bem disse o sr. Rocha Martins nas *Novidades:* enveredarem a familia, as pessoas queridas no seio d'essas ideias, mostrando-lhes os defeitos d'uma religião que erronea ou inadvertidamente pretendiam seguir.

Mas o quê? A tal rhetorica balofa era só para uso externo, era simplesmente um pretexto para apprehender as massas populares, porque a familia, por onde elles deviam começar a prégar a luz não era preciso attrahi-la á liça da politica.

Isto e só isto é que esses *cultivadores do escandalo* deviam frisar, tão delicadamente como frisam os bigodes.

Mas, dirão agora vocês, realmente o caso não é para grandes agitações. Pois não, filhos. Um casamento, um simples casamento é que deu motivo a esta algaraviada. Mas o que é facto é que depois de cumprida a lei, dois entes de sexos differentes... se quizerem eguaes vá lá... podem juntar os trapinhos como melhor lhes approver.

Deixem lá casar quem casa, porque o casamento, por emquanto, ainda é bem pouco appetecivel.

Só lembrarmo-nos das sogras!...

*

D'esta vez a guarda republicana, na pancadaria d'Evora, ou tinha jantado muito bem ou já não é a mesma que antigamente nos matava por ahi como pardaes.

Palavra que nos admira! Pois esses *caçadores urbanos* estão já em tal grau de civilisação que *só* mataram um?

Estarão *suas excellencias* falhos de pontaria?

Terão nervoso *suas excellencias?*

Faria nevoeiro na occasião em que os *illustres* mimosearam os cidadãos eborenses?

Ou decresceria já nos seus *cultivados espiritos* o gosto pelo *sport* de matar gente?

Sendo assim, não temos mais que nos felicitarmos, isto é, felicitar o povinho que, d'este modo, estará menos arriscado a levar a sua queijada em dia de reboliço.

Livra! Se fosse cá em Lisboa, os meninos eram capazes de matar uma duzia! Já estão habituados...

*

Vá lá esta para desenjoar.

Sabem que o conselho superior d'obras publicas foi ouvido ácerca do projecto da ponte sobre o Tejo.

Quer dizer, temos ponte lá para o seculo... 25, se não falharem os calculos.

O que nos leva dos démos é uns dizerem que parte do Alto de Santa Catharina (quando acabará isto?), outros que parte do Terreiro do Paço...

Terreiro do Paço! Alto de Santa Catharina!

Até parece uma coisa que a gente sabe! Falta só ir para o Rocio...

*

A proposito:

Os leitores perderam o que se chama um bello pratinho em não terem escutado uma conversa que tivemos outro dia com os nossos botões, a proposito da nomeação interina do sr. Antonio Macieira para ministro das colonias.

—Que dizes a isto? perguntamos a um dos rarissimos botões do casaco.

—Sabes o que te digo, meu velho? respondeu elle, que, por signal, é negro como um tição e tem quatro buracos. Digo que d'aqui a pouco escolhe-se um medico para commandante d'uma brigada e lança-se mão d'um galucho para director do Hospital de Rilhafolles!

—Pois sim! volvemos nós. Mas o Macieira é um homem intelligente, tem dado provas da sua energia...

—Não ha duvida, disse o ultimo botão do collete, mas Angola, Moçambique, S. Thomé e o resto não são bispos nem cardeaes. E has de concordar que é muito mais facil correr com meia duzia de priores, até com o proprio papa, do que governar uma provincia. E nós ainda temos por lá alguma coisa a administrar com conhecimentos...

—Apoiado! gritaram em côro os outros botões do collete!

N'esta altura travam-se de discussões os dois botões da camisa. Um d'elles era danado. Era o debaixo, um senhor botãosito pequeno, magrinho... calculem, só tinha osso! Estivemos quasi para mettê-lo em casa, porque estava... fóra d'ella, mas por fim acalmamos os animos, ponderando:

—Soceguem! Porque se agitaram tanto? A conversa foi puxada com toda a delicadeza, por isso não ha motivo para zangas...

—Pois eu, disse então um botão do cós das ceroulas, com uma vóz que pareceu sahir... do centro da terra,—cá da minha insignificancia, digo-vos uma coisa: que isto assim não vae bem. Procurám-se logares para homens e não homens para logares. E' preciso um poucode juizo!...

Concordámos! Safa! Que este parecia um botão... electrico!

31 DE JANEIRO

Eis uma data nobre, gloriosa,
A data encantadora dos vencidos!
N'uma ancia de luctar aventurosa,
Terçaram armas fortes e opprimidos!

Venceu a força herculea dos bandidos,
Mas o poder da ideia explendorosa
Criou raiz em peitos destemidos,
Para mais tarde florescer a rósa!

Um raio entrou na treva nacional,
Mas alguns que em janeiro combateram,
Já não viram a luz do seu ideal:

Lembremo-nos do sangue que verteram
E d'um modesto canto do jornal
Saudemos esses bravos que morreram!

CHINEZICES

Vocês viram n'*O Seculo* o palacio imperial de Schol para onde devia retirar-se o imperador da China, depois de abdicar?

Aquillo não é palacio, é um assobio...

E' por isso!

Lemos n'um jornal que a percentagem de analphabetos em Cabo Verde é inferior á do continente.

Por isso é que não ha na camara nenhum deputado natural de Cabo Verde...

O REVOLTADO

E' amanhã que apparece o nosso novo jornal politico sob a sabia direcção do notavel homem de letras dr. Agostinho Fortes.

Ao povo, compete apreciar a nossa orientação e o valor dos problemas que o REVOLTADO vae tratar! Apenas lhe observamos que não temos facção partidaria.

Confiamos, que do auxilio do publico tudo teremos a esperar, isso nos bastará para bem cumprirmos a dura missão que nos propomos levar a cabo.

A questão dos bispos

Longe da tola vaidade de darmos lições aos jornalistas do *Seculo*, longe ainda da pretensão ridicula de nos sentarmos ao lado de certos sabios (?) gerados na luza Athenas, a orarmos tambem de pontifical para que de norte a sul do paiz nos proclamem cardeal do Vaticano da Imprensa, onde, tanta mediocridade tem logar de principe—apenas temos a simples ambição de provar que não sendo n'esta terra de sabios da Grecia uma aguia, ainda nos sentimos com azas para voar ao lado de certos talentos que escudados na ingenuidade d'uns e na inconsciencia d'outros, por ahi vão vendendo ao povo a mercadoria da sua avariada sciencia sem que ninguem lhes estorve a marcha accelerada em que caminham as asneiras que impingem ao povo que tudo admira e aprova.

Assim pois, queremos quando o accaso nos traz á mão assumptos da magna importancia como é o da questão clerical, reagir, discutir e controversiar, apenas para verem que ainda ha quem estude, quem se revolte contra tanto impudor que por ahi passeia acobertado pelo convencionalismo d'uns e com o placet criminoso de quem tinha por dever educar o povo.

Voltemos agora a face á historia dos tempos e dos povos e analysemos o que ella nos diz em comparação á doutrina exposta nas columnas do *Seculo*:

Mais tarde quando se dá o scisma d'Avinhão, não foi o sentimento religioso mas sim o patriotico que nos levou a ficarmos fieis ao Papa de Roma, visto que os Castelhanos se tinham declarado a favor do scismatico.

Apezar d'isso, o bispo de Lisboa não pôde livrar-se de ser arremessado do eirado da torre da Sé muito embora representasse a suprema auctoridade eclesiastica na capital.

Todos sabemos tambem, que D. João II, não obstante as regalias que pretendiam gosar os principes da Egreja, não vacilou em prender no Castello de Palmella o bispo d'Evora D. Garcia de Menezes que n'esse mesmo castello teve sumisso por fórma só conhecida do rei. O proprio D. João III, monarcha tido e havido como fanatico, nunca para honra sua consentiu que Roma pretendesse impôr-se ao poder civil e assim esteve prestes a romper todas as suas relações com a curia quando esta se mostrou tardia em acceder ás suas pretensões.

Ainda um outro monarcha, tambem tido e havido como muito religioso, o homem da marmelada d'Odivellas, da Madre Paula e dos beliscões nas pernas das beatas do Senhor dos Passos da Graça, com toda a sua religiosidade que o levou a despejar rios de dinheiro para Roma, não consentiu que esta interferisse ou tivesse veleidades sequer de ser superior ás regalias do Estado.

E' que o civilismo que tivera entre nós da estatura de Pedro Hespano e de um Chanceller Julião, continuava sendo o espirito que animava a nacionalidade: religiosos sim, mas subservientes não. E' assás conhecida a acção de Pombal para que nos detenhamos n'ella; basta que lembremos que levou a sua energia a ponto de expulsar do reino n'um limitado praso de dias o Nuncio, unicamente porque este agravara a dignidade regia e portanto n'esse tempo a nacional, abstendo-se de cumprir um acto de méra cortesia, e que no seu espirito andou por muito tempo a ideia de se fundar uma religião luzitana que isemptasse para sempre o paiz da tutela espiritual de Roma.

A feição politica do Vaticano mais se accentuou depois que no seculo XIX se affirmou a reacção contra as ideias liberaes, affirmadas pela revolução franceza e depois em parte adoptadas pelo constitucionalismo.

Os governos monarchicos renegaram vergonhosamente nos ultimos tempos do constitucionalismo, toda a altiva tradição nacional nas relações com Roma e submissos acceitaram o esfrangalhar do celebre padroado portuguez no Oriente, que alguns jornalistas como o **republicano** *Dia* á frente agora tanto porfiam em querer salvar, levados **patrioticamente** pelo bom desejo de **engrandecer** a republica.

Ora esta se enveredasse pelo caminho dos ultimos governos monarchicos não só atraiçoava o que deve á sua funcção emancipadora mas mostrava-se tão ignorante que desconhecia por completo a nossa tradição.

E' bom não confundir as coisas: Cada um está no seu pleno direito de seguir a egreja que muito bem entender ou até não seguir nenhuma mas o que ninguem, sem quebrar a solidariedade, que deve á nação, póde fazer é como alguns dos srs. priores de Lisboa fizeram, ultimamente—declarar que só obedecem a Roma.

Quem a Roma obedece é Romano e não portuguez e se quizeramos, para terminar, ir á historia patria buscar um exemplo, lembrariamos o caso do cardeal D. Jorge de Alpedrinha que em plena monarchia absoluta, não querendo sujeitar-se ás imposições do poder civil foi esbulhado de todos os seus rendimentos e teve de ir viver para Roma á custa do proprio Papa que elle reconhecia como supremo senhor. Assim ainda se entende; agora comer do dinheiro portuguez e só reconhecer a auctoridade de Roma, é coisa que não faz sentido por mais sufistica que a theologia seja.

Era assim, que esperavamos que os sabios da luza Athenas, fallassem ao ingenuo povo, demonstrando-lhes a altissima differença que ha entre religião e clericalismo, pondo a magna questão nos seus devidos termos.

Assim não succedeu porem, e hoje como hontem, continuamos a ver em tudo a mistificação, fugindo os que teem o dever de fallar ao povo a linguagem da verdade, de o guiar, de o educar e ensinar a respeitar o sentimento pela religião seja ella qual fôr, e a guerrearem sem treguas o clericalismo que, hoje historicamente provamos ser uma questão de todos os tempos e a preocupação de todos os povos!—fallemos pois a verdade tal como ella é—em Portugal, não ha questão religiosa, ha uma lucta entre o poder civil e a ambição negra do clericalismo que precisamos exterminar. Emquanto existir a humanidade ha de existir religião e cada qual tem o direito inviolavel de seguir a que quizer.

A *Cezar* o que é de *Cezar*.

R. Laranjeira.

O REVOLTADO

Director — **Agostinho Fortes**

Sae no dia 31 de Janeiro

As apparencias illudem

Cazei com certa velhóta
A quem julgava abastada;
Sahiu-me pobre, qual Job,
Jacobina athalassada.

Quando me julgava rico...
Sou pobre.—Tolo não fosse.
Incontinencia d'urinas
Foi o que a velha me trouxe.

Zé Pequeno.

A SUBIR...

A Liga Republicana das Mulheres Portuguezas, entregou ao dr. Alexandre Braga uma mensagm agradecendo o projecto de lei dos direitos da Mulher, que aquelle sr, apresentou ao parlamento.

O sr. dr., repare que já tem a sympathia da liga! Não lhe custa subir mais um boccado...

Está um pouco ao lado...

Na montra dos Armazens Grandella está em exposição uma *toilette* de senhora, toda feita de jornaes.

Lá fomos vêr onde estava o *Zé*, mas não o encontrámos no sitio que esperavamos...

As nossas surprezas

*Annunciamos no passado numero d'***O Zé** *grandes surprezas que decerto os leitores esta semana esperaram com bastante impaciencia.*

Que surprezas lhes apresentaremos, não nos dirão?

Por mais voltas que dêmos ao miolo não nos occorre qualquer coisa surprehendente, original, emfim qualquer assumpto que deva possuir o titulo de surpreza!

E esta?

Decididamente temos o espirito encravado, ou as rodinhas do cerebro teem falta de azeite!...

Não ha maneira de sahir qualquer laracha, ao menos um boccadinho de surpreza para os contentar...

Ah! Esperem! Lá vae uma!...

*O supplemento d'***O Zé**, *ou por outra* **O Zésinho** *sahe quinta-feira 1, dirigido pelo nosso amigo A. Boavida. Os leitores vão rir com satisfação, porque a parte litteraria é d'uma graça esmeradissima, talhada pelos moldes d'um humorismo verdadeiramente popular. A parte artistica constará d'uma pagina d'um caricaturista muito conhecido, pagina essa que é uma* **charge** *deliciosa e opportuna aos politicos e á politica.*

Secções palpitantes, versos reinadios, piadas em cheio tudo lá tereis, carissimos leitores, pelo modico preço de 10 réis.

Vamos lá! Como surpreza já não é má!...

Mais uma vez foi interrompida a sessão na camara dos deputados, em virtude de tumultos.

E o azeite a cruzado...

Supplemento d'O ZÉ

Director — ARLINDO BOAVIDA

Sae a 1 de Fevereiro

Preço 10 réis

Raphael d'Almeida

Antigo funccionario dos Caminhos de ferro portuguezes e jornalista de reconhecidos merecimentos, tem prestado ali relevantes serviços á imprensa e aos ferro-viarios que muito o estimam e consideram.

Funccionario exemplarissimo, chefe de familia modelar, conta em cada conhecido um dedicado, em cada superior um amigo que muito o prezam pelas suas nobillissimas qualidades, competencia assiduidade e zelo no desempenho das suas funcções. Como premio do seu trabalho, acaba de ser elevado ao alto cargo de chefe de repartição, continuando como até aqui, a dirigir os trabalhos da secção de imprensa onde, tem dado provas da sua muita capacidade.

Felicitando a companhia, pela acertada e justa nomeação que acaba de fazer, felicitamos tambem o nosso velho amigo e collega que de tudo é merecedor.

Mil parabens.

Tem havido ultimamente na provincia alguns abalos de terra.

Por cá, então, nem mesmo ao *pifaro!*

RECORDAÇÃO DE DATAS

Quebradas as algemas, o Zé fazendo côro com a agricultura, o commercio e a industria, pede á Republica qualquer coisa por que luctara no passado. Mas ella parece immovel immovel como a propria rocha . . .

Viseira carregada

Provaram-nos os acontecimentos de Evora que isto anda ainda muito fóra dos eixos, faltando evidenciar-se o principal dos resultados que havia a esperar do movimento revolucionario—o respeito pelos direitos dos que trabalham e pela vida e segurança dos cidadãos. Não póde ser nem se admitte a continuação do sistema da repressão das massas pela força bruta e pelos argumentos d'aço. Empreguem-se outros, empreguem-se aquelles que tanta vez se tem provado serem os unicos que calam no animo e na alma popular e só assim entraremos definitivamente na era de paz e de trabalho fecundo, que tão necessaria nos é. Convençamo-nos e convençam-se os dirigentes de que não é de violencias, mas sim de blandicias que o Zé precisa para d'elle se obter o auxilio que d'elle se necessita e póde esperar.

Bastas lições da Historia nos mostram quanto é prejudicial em vez de util o emprego da força armada em casos de pouca importancia e em que ella de modo algum se justifica á face do bom senso, do direito das gentes e da noção de Liberdade, já algo esquecida lá por cima.

Não póde nem deve continuar este estado de coisas, é preciso ou mesmo indispensavel que as greves acabem, mas ainda mais preciso é haver muita reflexão e muita *main douce* por parte dos governos, em tudo quanto possa provocar conflitos de qualquer ordem entre governantes e governados, entre o Povo e as autoridades.

Arthur Neves.

Uns comem os figos...

Sendo colhida em flagrante,
Certa rapoza gaiteira,
A quem caçador audaz,
Fez um furo na *lombeira*,

Outro *caçador* pergunta:
(Isto tem muita piada)
—Quanto vale a pel' do bicho,
Mesmo depois de *furada?*...

Zé Pequeno.

João Samora

Recebemos a visita d'este nosso presado amigo e distincto actor que, há mezes tem andado em tournée artistica pelos diversos pontos do paiz.

João Samora, que é tambem um pintor de merecimento, está actualmente em Portalegre pintando umas télas artisticas de alto valor artistico.

Brevemente, partirá para o Algarve, onde já tem contractos para ali trabalhar com a sua troupe.

O nosso amigo, é um devotado propagandista da Republica e do **ZÉ**, o que muito lhe agradecemos.

Sonho de Fado

Sobe á scena no proximo sabbado 3 de Fevereiro a parodia á tão conhecida opera de Straus *Sonho de Valsa*, de que são auctores o nosso amigo Caetano Pereira e o nosso camarada Arthur Neves.

Vae montada com excellente scenario e magnifico guarda roupa, tendo-se encarregado da musica, de que nos dizem maravilhas, dois dos nossos mais queridos maestros—Luiz Filgueiras e Alfredo Mantua.

Bradamos no deserto?

A pedido de alguns amigos do Beato e Chellas, fomos visitar as localidades que circumdam aquelle importante e populoso bairro que, tão abandonado está da Misericordia Municipal De tudo lhes falta: luz, caminhos transitaveis, policiamento e até a propria agua!!-que lhes é fornecida quasi por favor. Não comprehendemos as ordens que n'este paiz se dão e muito menos as regalias que certos magnates usufruem.

O cidadão Xavier Barreto, tem policia, tem luz electrica e parece que até outro sol! o povo, que para tudo paga, que tanto trabalhou e se sacrificou para a conquista de novos horisontes, que os elevou ao pinaculo da felicidade em que elles hoje se encontram, não tem o simples, o mesquinho direito de obter luz, agua e caminhos por onde possa transitar livremente.

Ali nos conservamos até meados da noite, percorremos tudo e tivemos occasião de nos julgar transportados a certos pontos que nos faziam recordar a estada em Africa! Aquillo, não é bairro de Chellas com tanta população ali residindo, é um sertão d'Africa.

Se nos dirijimos ao governo, elle não tem tempo para cuidar em ninharias; se nos dirijimos á Camara Municipal, não pode attender importunos e os sr. *edis* teem tanto em que prender as suas attenções que mal lhes chega o tempo para cuidar dos seus... interesses!

Nesse caso, illustres cidadãos do populoso bairro de Chellas, queixem-se ao *Bispo* e quando forem as eleições, recondusam os amigos do povo que tanto dos seus legitimos direitos e regalias teem cuidado.

Não se esqueçam, que apenas teem o dever de servir de escada aos egoistas, de pagar para elles gosarem e que tudo isto é d'elles! Aprendam que já é tempo! Para outra vez, escolham quem melhor e mais conscientemente cuide dos intereses do povo.

Tudo isto é uma pandega; vejam lá, se os jornaes de grande circulação dizem uma palavra!!

Eduardo de Noronha

Acabamos de receber d'este brilhante escriptor e erudito professor, o seu ultimo livro *Memorias de um Gallego*. Ninguem ignora quem é o illustre homem de letras que na imprensa, no livro e na cathedra, tem dado as mais brilhantes e eloquentes provas do seu talento, e tambem, no theatro onde tem um logar de destaque. Eduardo Noronha, é dos poucos portuguezes que pela sua actividade e ardor pelas letras, tem provado que é como os inglezes porque a sua divisa é: *Time is money*.

Vamos lêr e dizer das impressões que nos deixar o trabalho do talentoso amigo que é Eduardo Noronha.

REGISTO CIVIL

Teve logar ha dias na Conservadoria do 1° bairro, o registo do menino Fernando, filho do nosso presado amigo e distincto graphico Julio Augusto dos Santos e Silva, gerente technico da casa Piloto & C.ª.

Apadrinharam o acto, o nosso collega de redacção Rodrigues Laranjeira e a gentil e illustrada irmã do nosso amigo Santos e Silva, a senhora D. Blandina dos Santos e Silva.

Depois do acto, que revestiu a maior intimidade, teve logar um opiparo banquete onde se trocaram affetuosos brindes. Felicidades ao menino Fernando e a seus paes, é o que do coração lhes desejamos.

Ahi! seu toureiro!

O espada Bombita fugiu de Malaga com uma rapariga de 18 annos.

E' provavel que lhe dê a estocada e a passe de capa...

Isto é que é vida!

O sr. Teixeira Gomes, nosso ministro em Londres vae gosar uns dias a Madrid.

A vida está para estes magicos!

Ao correr da fita

—Pensa bem no que vaes fazer Marianinha...

—Já pensei Papá. Se com elle quero casar é porque o amo muito...

—Sim. Effectivamente Rosa, é bom rapaz, elegante, formoso e sobretudo é rico...

—Pois creia o Papá, que não é pela riqueza que eu o amo. E' por elle ser atrahente, meigo, doce, como um torrãosinho d'assucar e depois tem... umas falinhas tão meigas...

—Então gostas muito d'elle não é verdade?

—Se gosto! Quando ao pé d'elle me sento e me sinto agarrada, acariciada,.. Ah! meu rico Pae! eu sinto uns farnicoques cá por dentro e fico mais enlevada... que o Papá não calcula...

Comprehendo. Toda tu és por Rosa!

—Advinhou Papásinho!!

Lambisgoia.

RIMAR Á BRUTA...

Quando passas, meu amor,
De manhã para a modista,
Tanto gingas esse corpo
Que pareces um fadista.

XXXII

Tens no teu rosto bonito
Um buço tão engraçado.
Que é deveras parecido
Com o d'um gato assanhado

XXXIII

Do teu chapeo gracioso,
Tão lindo, de fina orla,
Eu ando á muito ancioso
Por te apanhar uma borla.

XXXIV

As tuas faces mimosas,
Assim rosadas, Maria,
São um optimo reclame
Ás tintas da drogaria.

XXXV

As tuas unhas compridas
Tão esguias e aguçadas,
Parecem com franquesinha
Andarem sempre enlutadas.

XXXVI

Se ardente encosto o meu rosto
Ao teu seio, ao coração
Julgo, terrivél desgosto
Encosta-lo ao meio do chão.

Elmino, Filinto & Elias.

O REVOLTADO

Director — **Agostinho Fortes**

Sae no dia 31 de Janeiro

A COLONIAL

Acaba esta importante casa commercial, de distribuir a todos os seus numerosos freguezes, um interessante chromo-brinde, de reclamo ao estabelecimento de que é proprietario o nosso presado amigo Augusto de Brito.

Em Alcantara, não tem *A Colonial*, competidora, não só pela especialidade dos artigos como pela seriedade nas suas transacções.

Agradecendo o seu brinde, fazemos votos pelas suas prosperidades.

E' padre e basta...

Acabo de saber por um jornal de Loures da existencia d'um *pápa-hostias* de nome Pinto da Rocha, mais conhecido por Agiota de corôa.

Este cabeça-chancelada quando foi do arrolamento á egreja de Santo Antão do Tojal apresentou um protesto contra a lei da separação das Egrejas do Estado.

Este ventas-celestes recusou-se a facilitar as chaves em seu poder para que o mandato governamental fosse levado a effeito.

No acto praticado por este salamalequeiro do altar temos a ponderar o caso de desobediencia á lei e por tanto se este caróla permanece em Liberdade é caso para exigirmos o cumprimento do que se legislou.

Dura é a Lei, mas é Lei.

O padre Rocha sabia que essa lei existia, sabia qual era a pena que lhe cumpria soffrer no caso de a não acatar, por tanto, como não peccou por ignorancia e alem d'isso, como tal ignorancia não pode ser admittida em uma *personalidade* que tem o dom de comunicar com os *santos* da côrte do ceu, com a virgem, com o Padre, o Filho e o Espirito Santo,

Qual a razão por que não consultou todas estas *individualidades* antes de ter praticado o mais pequeno acto em demerencia governamental?

Elles ter-lhes-iam aconselhado a não desrespeitar uma organisação politica a que a egreja está sujeita.

Mas não succedeu assim; o snr papa-tolos Pinto da Rocha entendeu que podia alimentar esperanças de voltar o predominio clerical e fez-se forte ante a ordem do Estado.

Julgou que o seu gesto levantaria todos os seus parochianos a favor da mentira religiosa e rompeu abertamente com todos os membros delegados pelos poderes constituidos pela revolução e reconhecidos pelos outros paizes.

Tornou se criminoso de lesa-democracia e por este crime deve ser punido severamente esse clow da Egreja, esse funambulo do altar, esse automato do Vaticano.

Alem do crime contra o Estado, os proprios fieis se teem em grande estima a pureza da *Fé* que manifestam devem condemnal-o, execra-lo, anattematisal-o e tudo quanto acaba em *al-o* por que Christo disse(?) que os seus discipulos não tivessem dinheiro nem mais de uma tunica e o snr Pinto de Rocha ou de lama lá na terra tem o nome de *agiota de corôa* por que intruja por lá o povo fazendo emprestimos a 9 °|₀, o que lhe dá melhores proventos que as missas e *sermoniorum.*

E'st padrorum e bastorum.

Chacon Siciliani.

♣

Supplemento d'"O ZÉ"

Director — **Arlindo Boavida**

Sae a 1 de Fevereiro

♣

É RIDICULO

A proposito, d'um dos maiores tubarões da Republica, vemos no jornal *O Mundo* isto:

O conselheiro Barbosa

«A *Noticia*, do Rio de Janeiro, commentando as accusações que aqui fizemos ao conselheiro Pacheco, vulgo José Barbosa, de haver elle collocado todos os parentes, valendo-se da sua posição official, diz:—*Não admira. O sr. José Barbosa aprendeu isso aqui.* E ainda a peor das prendas que o conselheiro trouxe do Brazil não foi essa...»

Sendo simplesmente uma verdade, porque ninguem ignorava que o tubarão Barbosa era uma sufficiencia nem para tudo aproveitavel, todos teem culpa na escalada d'este magnate aos mais chorados logares da Republica.

O melhor, é não trazer ao conhecimento do publico que tanta coisa ignora, as asneiras que todos (notem bem) fizeram.

A grande obra a encetar, é procurar de futuro, homens para servirem a Republica com competencia e não como até hoje—collocar os apaniguados de *a* ou *b*.

Todos e só todos, teem chegado a brasa á sua sardinha. *O Mundo* comprehende-nos...

—Os padres (excepto alguns, já se vê) não continuarem refilando.

—E, em conformidade com os actos, os referidos coroados não irem apanhando a sua tareia.

—A pasta do Laranjeira não ir qualquer dia para o asylo dos velhos.

—A policia tomar a serio os estalos debaixo dos carros electricos.

—Ver-se placas com as novas horas nos marcos postaes.

—O *Zé* d'hoje em diante deixar de fallar no Lisa e do Canario.

♣

TENHAMOS BRIO

Tal como dantes, já vemos em alguns jornaes, a publicação de protestos varios, a proposito d'um artigo que um idolo hoje derrotado, escreveu insultando em nome da sua defeza o notavel homem de letras que é Theophilo Braga. Nem é boa doutrina e muito menos a melhor fórma de educar o povo; Theophilo, andou mal em trazer a publico factos da mais intima particularidade ministerial, mas o agravado, vindo dois mezes depois defender-se em tão despejada linguagem, apenas provou que nos homens que se dizem estadistas, tambem ha pequenissimos espiritos capazes de todas as baixezas e longe da nobreza que nos ensina a boa educação e a sã intelligencia.

Não mecham muito na lama porque ella póde ainda sujar mais alguem. Tratem do povo, que nada tem com as mizerias dos egoistas em quem confiou os seus destinos. Tudo o mais são historias para inglez rir!

Por isso muito contente ficamos quando entrámos nó *Covão da Mulher.*

Narrativa d'uma excursão á Serra da Estrella Duarte Rodrigues. *(Tiro e Sport)*

Nada nos dá alegria
Como, após uma jornada
Por enorme serrania,
Encontrar rude pousada.

Cançados pernas e braços
Por grandes montes subir,
Achar alivio aos cansaços
Encontrando onde dormir.

É bello, deve alegrar,
É optimo lenitivo,
Para quem farto de andar
Vae já mais morto que vivo.

Porem é maior o goso
Pois é cheio de mais prazer,
Quando o sitio do Repouso
É no Covão da Mulher.

Elmino.

♣

THEATRO MODERNO

Prevenimos o respeitavel publico, de que fomos excomungados pela anonima empreza do Theatro Moderno.

Entendemos em nome da verdade, da honorabilidade profissional e da moral, lamentar que o jornalista Esculapio do Seculo, tivesse descido á producção d'aquella porcaria vergonhosa e indigna a que chama 20 Milhafres. Peça que faz corar os habitantes menos escrupulosos da Mouraria e Alfama; pois porque não intrujamos o publico, apezar de sermos ainda muito benevolos para todos, foi cortada a nossa cadeira pela empreza que bem conhecemos.

Toda a redacção fica perdida sem entrada no Moderno, theatro que nos faz tanta falta para a nossa educação com a escola Esculapio...

Ora fiquemos por aqui para bem da empreza e de mais alguem. Seja tudo para honra e gloria dos Esculapios d'esta terra.

Homenagem á Imprensa

N'uma das vitrines dos importantes armazens Grandella, do lado da rua do Carmo, está a imprensa da capital representada por quasi todos os seus jornaes e pela figura simbolica d'uma mulher elegantemente vestida com a indicação dos titulos dos jornaes mais queridos do povo.

E' uma homenagem que muito nos penhora, e com quanto representemos um pequeno atomo entre a grande imprensa, tambem não deixamos de nos ufanar em exigirmos o nosso quinhão na grande remodelação porque vem passando a sociedade portugueza.

A redacção do «Zé», sem se ufanar com a distincção que o cidadão Grandella dispensou ao seu jornal—muito penhorada, agradece a honra da sua inclusão na homenagem.

Mil felicitações ao cidadão Francisco Grandella pela sua iniciativa.

THEATROS

O nosso amigo Eurico Zuzarte continua impossibilitado de redigir esta secção, por motivos ponderosos, pelo que continuamos a fazêr estas linhas, pedindo aos leitores e ás emprezas theatraes que nos desculpem a nossa falta de verve.

Dada a explicação, vamos a isto.

Theatro Nacional. Os *20.000 dóllares* continuam a sua gloriosa carreira, o que dispensa toda a especie de elogios, tanto á peça como ao desempenho, elogios, aliás bastante merecidos.

Theatro da Republica. Está em scena *A melhór das mulheres*, bella comedia traduzida por Carlos Trilho. O desempenho de todos os papeis é admiravel pelo que a peça, pela sua graça, finura e technica deve fazêr carreira.

Theatro Apollo. Foi um verdadeiro successo a representação, n'este theatro, d'*Os Pimentas e d'A feira do Diabo* E' um espectaculo de franca gargalhada, para o que muito contribuem Nascimento Fernandes e Alegrim que são impagaveis nos seus papeis. E' maravilhosa a *mise en-scene*, onde se nota o dedo inteligente de Eduardo Schwalbach.

Theatro da Trindade.—Basta saber-se que se representa n'este theatro a *Princeza des Dollares* para se registar mais uma enchente a admirar os perfeitos trabalhos de Palmyra Bastos e Amadeu Ferrari.

Brevemente peça nova, *Casta Suzana*.

Theatro do Gymnasio.—O *Rei dos Gatunos* é uma peça moderna, d'um enredo que impressiona pelo imprevisto e pelos effeitos theatraes, circunstancias que lhe asseguram uma bella carreira, tanto mais que o trabalho de Albuquerque é modelar.

Theatro da Rua dos Condes.—Continua a sua marcha o *Fandango e Maxixe*, que alternará brevemente com a operetta *O Sonho do Fado*, que Joaquim d'Almeida põe em scena com com grande brilho.

Theatro das Variedades.—*O Pae Paulino*, com o delicioso quadro *Nas Horas*, e com os dançarinos *Mary-Tito*, constituem um espectaculo economico e agradavel.

Animatographos

SALÃO DA TRINDADE.—As bellas estreias exhibidas n'esta casa, acompanhadas de bella musica, fazem do salão um paraizo.

CHIADO TERRASSE.—Quem aprecia fitas chics, concorrencia selecta e musica melodiosa, compre bilhetes na bilheteira.

SALÃO CENTRAL.—E' uma das boas casas da baixa, mercê dos admiraveis *films* que todas as noites se exhibem.

SALÃO OLYMPIA.—Desnecessario se torna encarecer a perfeição das pelliculas que correm nos dois salões d'esta casa, porque a fórma é já conhecida.

SALÃO FOZ.—Bellos numeros de variedades e bôas estreias semanaes fazem d'este salão o melhor no genero. O *Trio Obiol* agradou plenamente.

CHANTECLER, SALÃO ROCIO e SALÃO DOS ANJOS.—Tres casas n'um pé só, mas todas ellas boas, motivo esse porque o publico as aprecia.

Colyseu dos Recreios.—A companhia italiana d'opera *Citá di Firenze* parece não sahir de cá, tal o applauso que o publico lhe dispensa em todas as peças, especialmente no *spartito* de Strauss, *A Patifa da Primavera*, em que todos os artistas rivalisam na perfeição dos papeis; no Colyseu passam-se bellas noites incontestavelmente.

OS PRIORES

Elles bem se cobrem, a vêr se escapam, mas o laço lá está preparado para lhes tolher os movimentos!